

## RACISMO E ESCOLARIZAÇÃO: Formas e Consequências na Trajetória Escolar de Alunos Negros

Patrícia Modesto Matos<sup>1</sup>  
Dalila Xavier de França<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo realizou uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de identificar as formas de racismo mais evidentes no espaço escolar, bem como as consequências desse fenômeno no processo educativo de estudantes negros brasileiros. Para isso, procedeu-se um levantamento bibliográfico nas bases *Scielo*, *Pepsic*, *Lilacs* e *PsycINFO*, envolvendo periódicos de língua portuguesa, inglesa e espanhola, no período de abril a junho de 2019, utilizando os descritores: educação, escola, ensino e racismo. Os 16 achados apontam que as formas flagrantes e sutis da expressão do racismo são mais frequentes nas escolas, havendo também o racismo institucional, presente nos documentos e livros que orientam as práticas educativas, e nas políticas afirmativas; o racismo cultural, que envolve a desqualificação religiosa; e o racismo individual, a partir da depreciação das características físicas dos sujeitos. Constatou-se que os estudantes vítimas do racismo apresentam maiores índices de evasão e fracasso escolar na Educação Básica, aspecto que dificulta o acesso ao Ensino Superior. Diante dessa realidade, acredita-se que a formação docente, voltada para a diversidade e alterações efetivas no currículo escolar, podem colaborar de forma significativa para a valorização da população negra e para a redução do racismo nas escolas.

**Palavras-chave:** Estudantes negros; escola; racismo; processo educativo.

### RACISM AND SCHOOLING: FORMS AND CONSEQUENCES IN BLACK STUDENTS' SCHOOL LIFE

### ABSTRACT

This article carried out an integrative literature review with the objective of identifying the most evident forms of racism in the school environment, as well as the consequences of this phenomenon on the school life of black Brazilian students. For this, a bibliographic survey was carried out in the on SciELO, PePSIC, LILACS and PsycINFO databases, involving Portuguese, English and Spanish journals, from April to June 2019, using the descriptors: education, school, teaching and racism. The 16 findings indicate that flagrant and subtle forms of racism expression are more frequent in schools, as well as institutional racism present in documents and books which guide educational practices and affirmative policies; cultural racism involving religious disqualification; and individual racism, starting from depreciation of the physical characteristics of the subjects. It was found that students who are victims of racism present higher rates of school failure and dropout during the basic education, an aspect that hinders access to higher education. Before this reality, it is believed that teacher training, focused on diversity and on effective changes in the school curriculum, can contribute in a meaningful way to the valorization of the black population and to the reduction of racism in schools.

**Keywords:** Black students; school; racism; educational process.

Submetido em: 2/6/2020

Aceito em: 25/7/2021

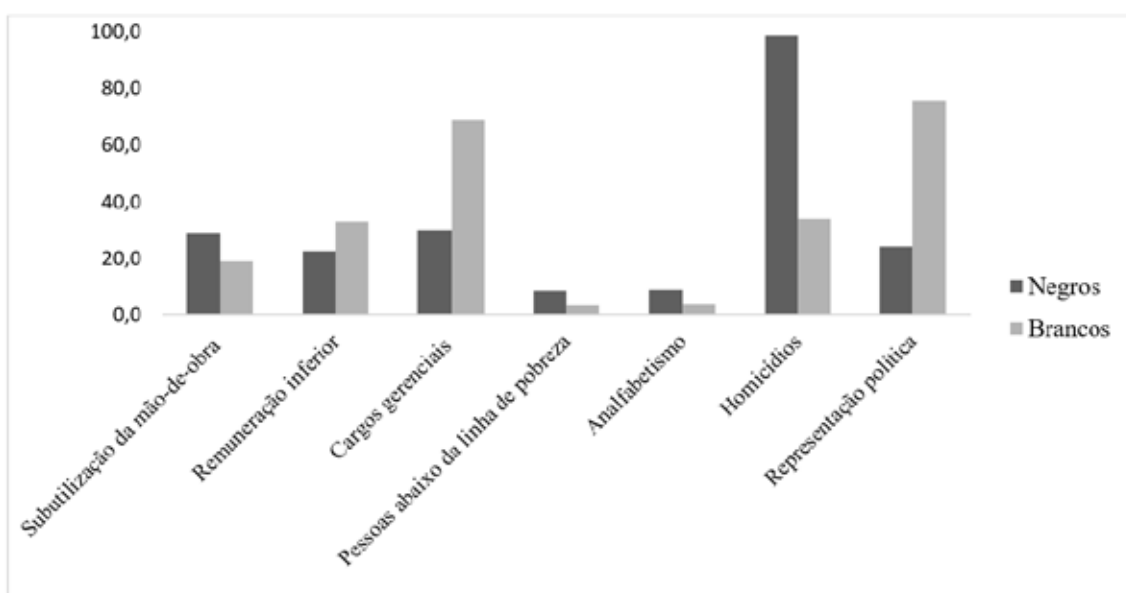
<sup>1</sup> Autora correspondente: Universidade Federal de Sergipe / Prefeitura Municipal de Paripiranga/BA, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9372493140680237>. <https://orcid.org/0000-0002-3763-7895>. [patriciamatosd\\_23@hotmail.com](mailto:patriciamatosd_23@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0621095177117818>. <https://orcid.org/0000-0002-0431-3034>.

## INTRODUÇÃO

O racismo é um problema marcante na sociedade brasileira, que afeta diretamente o acesso aos direitos garantidos por lei para o exercício da cidadania. Os impactos negativos do racismo ficam evidentes quando se observa a disparidade nos diversos estratos sociais em que a população negra está inserida, ou seja, em condição desvantajosa em relação à escolarização, renda, rentabilidade, mercado de trabalho, entre outros, conforme exposto na Figura 1.

Figura 1 – Indicadores de desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil



Fonte: IBGE, 2019.

Entende-se que o racismo é um fenômeno que ocorre mediante um processo de hierarquização, que exclui e discrimina um indivíduo ou todo grupo social, tido como diferente pelo fato de apresentar uma marca física externa, podendo ser real ou imaginária (LIMA; VALA, 2004a). “É essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas” (MUNANGA, 2004, p. 4).

Sabe-se que o racismo tem contribuído de forma eficaz para a manutenção das disparidades entre negros e brancos, principalmente no que se refere ao acesso e à permanência no processo de escolarização formal. A população negra continua impedida de ter acesso à educação escolar, não por lei. A negação ocorre em caráter informal, contexto que é ratificado quando o sistema educacional ainda oferta escolas sem equipamentos adequados, instituições insuficientes para atender a sociedade, docentes sem a formação apropriada, material didático defasado, conteúdos racistas, currículo voltado para a concepção de educação baseada no modelo eurocêntrico e a compreensão distorcida sobre as manifestações culturais do país (LIMA, ROMÃO; SILVEIRA, 1999; GUIMARÃES; PINTO, 2016).

A educação brasileira está embasada na ausência de debates que promovam a discussão da temática racial no planejamento escolar, impedindo a promoção de

relações mais respeitáveis entre os sujeitos. O silêncio sobre o racismo afeta o processo educativo nas escolas, e contribui para o fortalecimento das crenças que inferiorizam os negros. Além disso, põe a possibilidade do despertar de jovens talentosos que estão inseridos nas escolas e impede que os sujeitos sejam livres das amarras dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas e de outros males (CAVALLEIRO, 2005a).

A escola é uma instituição que oportuniza a convivência do estudante com outros sujeitos, ao ponto que representa a sociedade por meio das atitudes, dos valores e dos pensamentos (MACEDO; PIRES; PEREIRA, 2017). Também é nesse espaço que as crianças e adolescentes negros vivenciam, de forma enfática, o racismo e a discriminação racial (LIMA, 2016). A realidade apresentada no contexto escolar que envolve situações de rejeição presenciadas pelos discentes negros, somadas à inércia perante essas práticas pelos profissionais da educação, causam danos na autoestima desses estudantes, afetando de forma negativa o desempenho escolar, o desenvolvimento na aquisição da aprendizagem, colaborando para a evasão escolar (CAVALLEIRO, 2005a).

Pode-se constatar as disparidades no processo educativo por meio dos dados apresentados em um relatório produzido pela Unicef, que expõe o cenário de exclusão na educação brasileira. Verificou-se que, dos estudantes com idade entre quatro e dezessete anos que estão fora da escola, 5,6% (999.765) são brancos, e 7,0% (1.779.755) são negros, totalizando 6,5% (2.779.520) dos alunos em idade escolar (UNICEF, 2014). Em relação à distorção idade-série, os discentes pretos e pardos apresentam maiores prejuízos, com taxas significativamente elevadas, quando comparados aos estudantes brancos (INEP, 2018). Além da distorção idade-série, meninos e meninas negras apresentam maiores índices de repetência e evasão escolar quando comparados com os estudantes brancos (CHAGAS; FRANÇA, 2010).

A partir dos dados que caracterizam a presença do racismo na sociedade brasileira, torna-se imprescindível distinguir os tipos (individual, institucional e cultural) e as formas de expressão do racismo (sutil, flagrante, moderno, aversivo, cordial, etc.). O racismo individual ocorre no contexto das relações intergrupais, por meio de atitudes e ações pessoais, que acarretam em discriminação racial. Por outro lado, o racismo institucional se estabelece nas instituições mediante mecanismos de discriminação, que refletem os interesses dos grupos racialmente dominantes, sendo que este último tipo funciona mesmo sem a intenção dos indivíduos (SCHUCMAN, 2014). O racismo cultural se configura pela crença sobre a superioridade da cultura de um grupo em relação à do outro, tornando as manifestações culturais do “exogrupo” (grupo do outro) inassimiláveis à cultura do “endogrupo” (próprio grupo) (WIEVIORKA, 2006).

No que diz respeito às formas de expressão do racismo, nos diversos espaços da sociedade, inclusive no contexto escolar, pode-se encontrar o racismo cordial, que é direcionado para a população negra, por meio de atitudes discriminatórias disfarçadas de brincadeiras e piadas de cunho racial; o racismo aversivo, que consiste na defesa de valores igualitários em relação aos negros e, ao mesmo tempo, à presença de sentimentos e crenças negativos por esse mesmo grupo (LIMA; VALA, 2004a). Ademais, pode-se inserir neste contexto o preconceito flagrante, que é definido como o mais explícito e direto, ao contrário do preconceito sutil, que é manifestado de forma indireta e distante, sendo uma forma mais velada de expressar o preconceito (PETTIGREW; MEERTENS, 1995).

Essa distinção é necessária, para que ocorra o melhor entendimento das práticas exercidas pelos atores que estão inseridos no universo escolar, aos quais demonstram desqualificação, desvalorização e exclusão do negro em termos de atributos individuais, sociais e culturais. Neste sentido, a presente pesquisa se propõe a realizar uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de identificar as formas de racismo mais evidentes no espaço escolar, bem como as consequências desse fenômeno no processo educativo de estudantes negros brasileiros. Assim, dois questionamentos serão respondidos neste estudo: Quais as formas de racismo mais evidentes no espaço escolar? E quais as consequências do racismo na trajetória escolar de estudantes negros brasileiros?

## MÉTODO

Para fazer a revisão integrativa, foi realizado um levantamento bibliográfico nos meses de abril, maio e junho de 2019, em quatro bancos de dados: Scielo, Pepsic, PsycINFO e Lilacs, escolhidas por serem conhecidas na ciência e por compreenderem produções nacionais e internacionais em Psicologia e áreas afins. A busca utilizou descritores que foram selecionados a partir da Terminologia em Psicologia da Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS – PSI Brasil), e empregado o operador booleano AND entre os termos, com a seguinte estratégia de busca: a) em português: educação AND racismo; escola AND racismo; ensino AND racismo; b) em inglês: education AND racism; school AND racism; teaching AND racism; c) em espanhol: educación AND racismo; escuela AND racismo; enseñanza AND racismo.

Os artigos foram analisados com base nos critérios de inclusão e exclusão. Assim, observou-se os seguintes critérios de inclusão: a) versar sobre o racismo na escolarização e as consequências desse fenômeno na trajetória dos estudantes; e b) ter sido realizado em instituições de ensino brasileiras. Os critérios de exclusão foram: a) publicações duplicadas; b) publicações que não sejam artigos; c) revisão de literatura e d) não ter o resumo e o texto completo disponíveis de forma gratuita na *internet*.

Para atender aos critérios de inclusão, realizou-se, na seleção inicial dos trabalhos, a leitura do título, das palavras-chave e do resumo, com base no conteúdo apresentado em cada artigo. Após essa etapa, foram excluídas as publicações duplicadas entre as bases e na própria base. Em seguida, foi feita a leitura integral dos artigos selecionados para a realização da análise e preenchimento da folha de codificação, que era composta por 16 itens: 1) Número de identidade do artigo; 2) Termo encontrado; 3) Título; 4) Banco de dados; 5) Endereço na *internet*; 6) Autores; 7) Ano da publicação; 8) Periódico; 9) Palavras-chave; 10) Filiação dos autores; 11) Objetivo do trabalho; 12) Participantes; 13) Instrumento e/ou técnica de pesquisa; 14) Procedimento; 15) Resultados; e, 16) Problemas/ limitações encontrados nos resultados da pesquisa.

Os resultados encontrados serão apresentados, inicialmente, de forma descritiva, tendo como base a análise das informações relativas ao idioma ao qual os estudos foram redigidos, a filiação dos autores, os periódicos responsáveis e o ano de publicação. Em seguida, serão analisados os dados dos artigos científicos, por meio das suas temáticas, identificando as formas em que o racismo se expressa e as suas consequências para a trajetória escolar dos estudantes negros.

## RESULTADOS

A revisão integrativa de literatura resultou em 163 artigos, oriundos da busca inicial nas bases científicas, sendo: Lilacs – 55 artigos; Scielo – 104 artigos; Pepsic – 4 artigos; PsycINFO – 0 artigo). Destes, 112 publicações foram excluídas após a leitura dos seus títulos, resumos e palavras-chave, pois não atenderam aos critérios de inclusão. Após a primeira exclusão, restaram 51 artigos, dos quais 35 foram excluídos, atendendo aos critérios estabelecidos para exclusão. Por fim, todos os 16 artigos foram lidos na íntegra e compuseram a análise final deste estudo.

Os artigos analisados foram produzidos no contexto educacional brasileiro, envolvendo temáticas relacionadas ao racismo no processo educativo. Percebe-se que, do total de artigos (n = 16), 12,5% (2) foram redigidos em língua inglesa, 87,5% (14) em língua portuguesa, e não foi encontrado nenhum artigo em língua espanhola. Em relação à filiação dos autores, foram 3 estudos científicos de representantes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

No que diz respeito aos periódicos, os que obtiveram maior frequência de produções foram Educação em Revista, com quatro artigos, Educação & Realidade e Revista Brasileira de Educação, com dois trabalhos cada. Os demais periódicos tiveram uma publicação (Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, Cadernos de Pesquisa, Letras de Hoje, Psicologia Política, Educação em Pesquisa, Educação & Sociedade, Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação e Revista de Administração Mackenzie).

Quanto ao ano da publicação, não houve delimitação temporal para a busca dos trabalhos, de modo que foram encontrados artigos no período que compreendeu os anos de 2004 a 2019, com exceção dos anos de 2007, 2009, 2011 e 2012, por não ter sido encontrado nenhum artigo. Os anos que apresentaram o maior número de publicações foram 2010, 2013, 2015 e 2018, com dois artigos cada. Os demais anos (2004, 2005, 2006, 2008, 2014, 2015, 2017 e 2019) exibiram uma publicação somente. Na Tabela 1, a seguir, estão expostos os autores, o título, o ano de publicação, a instituição e o objetivo de cada estudo analisado.

Tabela 1 – Dados extraídos dos artigos científicos publicados nas bases de dados pesquisadas sobre educação e racismo

AUTORES	TÍTULO	ANO	INSTITUIÇÃO	OBJETIVOS
OLIVEIRA; MIRANDA	Multiculturalismo crítico, relações raciais e política curricular: a questão do hibridismo na Escola Sarã	2004	Universidade Federal de Mato Grosso e Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Compreender como se evidencia a preocupação com uma educação multicultural na proposta da Escola Sarã.
CARVALHO	Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos	2005	Universidade de São Paulo	Procurar compreender os processos cotidianos que tem conduzidos as crianças negras do sexo masculino a um pior desempenho escolar.

MAGGIE	Racismo e anti-racismo: preconceito, discriminação e os jovens estudantes nas escolas cariocas	2006	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Discutir os impactos das atuais políticas públicas, especialmente a chamada reserva de vagas para negros no ensino superior e o chamado estatuto da igualdade racial.
REITER	Education reform, race, and politics in Bahia, Brazil	2008	Universidade do Sul da Florida	Obter uma imagem matizada dos sucessos e deficiências da reforma educacional no estado da Bahia, Brasil.
OLIVEIRA;	Infância, raça e “paparicação”	2010	Universidade Federal de Alfenas e Universidade Federal de São Carlos	Analisar as práticas educativas que ocorrem na creche, verificando as maneiras como essas práticas produzem e revelam a questão racial.
SÃO PAULO	Preliminary studies on affirmative action in a brazilian university	2010	Universidade de Brasília	Investigar as percepções de alunos e do público em geral sobre vagas para negros na UnB.
MARTINS; GERALDO	A influência da família no processo de escolarização e superação do preconceito racial: um estudo com universitários negros	2013	Universidade Federal de São Paulo e Universidade Estácio de Sá	Discutir a influência da família na trajetória de escolarização do aluno negro a partir de memórias de universitários negros.
SILVA; TEIXEIRA; PACIFICO	Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos	2013	Universidade Federal do Paraná	Analisar a complexa relação entre políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos.
CRUZ	Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças	2014	Universidade do Sul de Santa Catarina	Busca saber como meninos e meninas construíram suas relações no cotidiano escolar e como estabeleciam estratégias de sobrevivência em uma sociedade desigual.
CASTELAR <i>et al.</i>	Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras	2015	Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e Universidade Federal do Pará	Abordar o brincar e o brinquedo na constituição da mulher negra pelas práticas educativas escolares, no ensino básico, público e privado.
SANTIAGO	Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo	2015	Universidade Zumbi dos Palmares e Universidade Estadual de Campinas	Compreender a partir dos pressupostos teóricos da Sociologia da Infância e dos estudos das Ciências Sociais, relacionados às relações raciais no Brasil, a violência do processo de racialização sobre a construção das culturas infantis.
RUSSO; ALMEIDA	Yalorixás e educação: discutindo o ensino religioso nas escolas	2016	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Discutir a relação entre educação escolar e religiosidade a partir da visão de cinco Yalorixás do Candomblé da Baixada Fluminense.

ROZA	Abordagens do Racismo em Livros Didáticos de História (2008-2011)	2017	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	Discutir as formas pelas quais aspectos relativos à dimensão histórica do racismo são abordados em atividades propostas em um conjunto de livros didáticos de História aprovado nas edições do PNLD 2008 e 2011.
JESUS	Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização	2018	Universidade Federal de Minas Gerais	Refletir sobre alguns dos eficientes mecanismos de produção do fracasso escolar de jovens negros e negras.
PAULA; ALMEIDA; GIORGI	Eu e meus alunos-cotistas na escola pública: racismo, ethos discursivo, discurso midiático e produção de subjetividade	2018	Secretaria Municipal de Educação-RJ e Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca-RJ	Propor uma análise discursiva de texto produzido por docente do Cefet/RJ, que deflagrou polêmica nas redes sociais.
SANTOS <i>et al.</i>	Oferta de escolas de educação escolar quilombola no nordeste brasileiro	2019	Universidade Federal do Vale do São Francisco, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Universidade de Brasília	Apresentar panorama de implantação das Escolas de Educação Escolar Quilombola (EEEQ) na região Nordeste.

Fonte: Autoria própria (2019).

A partir da análise qualitativa dos principais achados dos 16 artigos incluídos no presente trabalho, foram identificadas sete categorias temáticas: a ocorrência do racismo na educação infantil; em documentos e livros que norteiam a prática educativa; o racismo no ensino religioso; no ensino superior; no ensino médio; na reforma educacional baiana; a influência do racismo no fracasso escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A seguir, os sete temas serão apresentados e, posteriormente, discutidos os dados considerados mais relevantes.

### A presença do racismo na Educação Infantil

Em relação aos trabalhos que abordaram a ocorrência do racismo na Educação Infantil, Castelar *et al.* (2015) identificaram nos relatos das professoras, residentes na cidade de Salvador/BA, que o contexto escolar reproduz os modelos comportamentais e estéticos que contribuem para a discriminação racial, de modo que, desde a infância, as meninas negras estão expostas ao sofrimento marcado pelo ideal de beleza, que é representado mediante o desejo de obter uma boneca loira e com o cabelo liso. Além do mais, na vida profissional, as entrevistadas enfatizaram a invisibilidade cultural e social das mulheres negras na educação.

O estudo de Oliveira e Abramowicz (2010), realizado em uma creche no interior do Estado de São Paulo, com 61 crianças e 8 adultos, evidenciou que há um tratamento diferenciado destinado às crianças negras em relação às crianças brancas, por meio de atitudes, gestos e tons de voz. Identificou-se que as docentes dedicam mais atenção, cuidados e elogios às crianças brancas; para as crianças negras, resta a negação do corpo e reclamações relacionadas ao mau comportamento.

Outro trabalho que pesquisou a presença do racismo na infância (SANTIAGO, 2015) destacou que as crianças negras apresentam incômodo perante a discriminação vivenciada no espaço escolar, expressado por meio de diversas linguagens e comportamentos de esquiva, mesmo que, inicialmente, possam parecer estranhos e inadequados. O estudo também expõe o sofrimento que envolve algumas atividades da instituição, incluindo a ação realizada após o momento de descanso, quando as crianças acordam e têm seus cabelos penteados. As meninas negras são aquelas que apresentam mais rejeição e resistência em participar desse momento.

### **A presença do racismo em documentos e livros que norteiam a prática educativa**

No que diz respeito à presença do racismo em documentos, a pesquisa de Oliveira e Miranda (2004) analisou o texto e as imagens presentes no documento *Escola Sarã*, que orienta a adoção de uma política curricular na rede de ensino do município de Cuiabá/MT. A proposta discutiu meios para contornar o fracasso escolar, fundamentado na pedagogia crítica. Os achados, contudo, evidenciaram divergências entre o texto e as imagens utilizadas para ilustrar a proposta. O conteúdo presente no documento evidencia a mestiçagem que compõe a população brasileira, no entanto, com a figura do negro estereotipada e atrelada às atividades que marcam uma identidade inferiorizada perante as demais.

Roza (2017) discutiu as formas como o racismo é abordado, a partir de uma dimensão histórica, em atividades propostas em um conjunto de livros didáticos de História (2008-2011), em que foram analisados 24 livros com foco na história afro-brasileira pós-abolição. O estudo evidenciou que os livros limitam a trajetória do negro ao contexto da escravidão. Além disso, enfatizou o lugar da disciplina de História como uma disciplina responsável pela discussão sobre o racismo.

A pesquisa de Silva, Teixeira e Pacifico (2013) avaliou os editais para a seleção de livros didáticos (Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências), e os resultados de desenhos e entrevistas sobre a rememoração que os estudantes de 5ª a 7ª séries têm da imagem dos negros em livros didáticos. O trabalho demonstrou que os discentes percebem a imagem estereotipada em relação aos negros, atrelada à escravidão e a um tempo distante, e que não representa o negro como um sujeito atuante na sociedade brasileira. Ademais, os autores destacaram que os discursos racistas presentes nos livros causam constrangimento e mal-estar, podendo colaborar para a participação dos resultados negativos que os discentes negros auferem no ensino.

O trabalho de Santos *et al.* (2019) dedicou-se a apresentar um panorama de instituição das Escolas de Educação Escolar Quilombola (EEEQ) na Região Nordeste do Brasil. Os autores detectaram que, apesar de haver uma quantidade relevante de



escolas, há muitos desencontros nas informações, demonstrando negligência em produzir informações importantes por parte do Estado, aspecto que ratifica o racismo institucional persistente na sociedade e que causa prejuízos àqueles que, durante muito tempo, estiveram às margens das políticas públicas.

### **A ocorrência de racismo no ensino religioso**

O estudo de Russo e Almeida (2016), realizado com cinco yalorixás da Baixada Fluminense, investigou as relações da religiosidade com a educação. As participantes divergem sobre concordar ou não com o ensino religioso nas escolas, contudo, concordam que a estrutura vigente silencia e discrimina as religiões de matriz africana. Ademais, o ensino é transmitido de modo descontextualizado, pois há desequilíbrio de poder entre as religiões, e as que são de base cristã exercem maior influência nos espaços escolares.

### **O racismo presente no Ensino Superior**

No que concerne à presença do racismo no Ensino Superior, Martins e Geraldo (2013) dedicaram-se ao estudo da influência da família na superação do preconceito racial na escolarização. Participaram da pesquisa sete estudantes de uma universidade particular de São Paulo, todos negros e moradores de bairros periféricos. Foram identificados relatos de racismo e omissão por parte dos professores quando os participantes cursavam a Educação Básica e a ocorrência da segregação racial presente em escolas públicas e privadas. O trabalho concluiu que a família é um elemento importante na construção da identidade, contribuindo para a desconstrução de estereótipos que favorecem o fracasso escolar dos discentes negros.

No trabalho de São Paulo (2010), foram analisadas as percepções dos estudantes e do público em geral sobre um programa de ação afirmativa, promovido pela Universidade de Brasília. Os participantes da pesquisa (universitários e estudantes do Ensino Médio) responderam a um questionário e uma escala de racismo moderno. Os dados mostram que os sujeitos compreendem a necessidade de políticas de igualdade racial, porém, não há grande entusiasmo que a estratégia promovida pela instituição seja a mais justa. Também ficou evidente o mito da democracia racial como um empecilho para a efetivação da proposta citada e a ocorrência do racismo sutil, em detrimento do racismo evidente.

### **A existência do racismo no Ensino Médio**

O estudo conduzido por Jesus (2018) teve como objetivo refletir sobre os mecanismos que produzem o fracasso escolar de jovens negros e negras. Foi realizado entre os anos de 2012 e 2013 nas cidades de Belo Horizonte, Brasília, São Paulo, Fortaleza e Belém, com estudantes de 15 a 17 anos de idade que estavam cursando o Ensino Médio. A referida pesquisa revelou que os estereótipos relacionados aos corpos, somados ao silenciamento acerca do racismo, prejudicam a autoimagem e a autoestima dos jovens, aspectos que contribuem, mesmo que de forma indireta, para o fracasso escolar dos sujeitos.

A pesquisa de Paula, Almeida e Giorgi (2018) pautou-se numa análise discursiva de um texto produzido por uma professora do Cefet/RJ que relatava as impressões da docente acerca das cotas raciais para o Ensino Médio. O documento, compartilhado mais de 15 mil vezes, apresenta o estranhamento da docente em relação ao público que começou a ocupar o espaço que antes era preenchido por estudantes não-cotistas. Neste contexto, o racismo se apresenta de diversas formas, inclusive na preocupação com a queda na qualidade do ensino, na forma de agir e ser dos sujeitos. O cotista é objetivado na maior parte do texto, e construído como o diferente e não pertencente àquele espaço.

Maggie (2006) investigou 21 escolas cariocas, sendo 19 estaduais, uma federal e uma particular, com o objetivo de discutir os impactos causados pelas políticas públicas que reservam vagas para discentes negros no Ensino Superior. Destacou-se, nas instituições envolvidas, a pedagogia da repetência, que leva a maioria dos jovens a não concluir o Ensino Médio. Embora o racismo fosse um fenômeno frequente no cotidiano escolar, não era um tema central nas instituições envolvidas e nem interessava aos jovens. Os discentes autodeclarados pretos e pardos sofreram mais discriminação nas escolas, inclusive por parte dos professores; os estudantes pretos sentiam que seus professores não acreditavam em sua vontade de estudar nem na dos estudantes pobres.

### **A permanência do racismo na Reforma Educacional Baiana**

A pesquisa de Reiter (2008), realizada durante duas viagens exploratórias para Salvador/BA nos anos de 2001 e 2005, analisou 60 entrevistas impetradas com estudantes, professores, pais, diretores e líderes comunitários, para obter uma imagem do sucesso e das deficiências acerca da Reforma Educacional Baiana. Percebeu-se que, apesar das melhoras, principalmente com a expansão do Ensino Médio e o acesso em lugares onde não havia escolas, as desigualdades estruturais ainda impedem que estudantes de escolas públicas preencham vagas em universidades e consigam emprego. Em uma comparação realizada entre as instituições públicas e privadas, fica evidente o sucateamento das primeiras, aspecto que leva os educandos a acreditarem que terão dificuldades em competir com os discentes oriundos de escolas particulares, em razão da má qualidade do ensino. Também ficou entendido que a escola espera pouco dos discentes e culpabiliza as famílias pelo fracasso escolar.

### **A influência do racismo no fracasso escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

O trabalho de Carvalho (2005), conduzido com estudantes de 1ª a 4ª séries de uma escola pública, buscou averiguar as diferenças entre a classificação racial atribuída pelas professoras (heteroatribuição) e pelos discentes (autoatribuição), buscando evidenciar em que medida a classificação estabelecida pelas docentes estava atrelada ao desempenho escolar dos discentes. Os achados evidenciaram que as crianças negras do sexo masculino atingem os maiores índices de fracasso escolar e repetência. Houve uma tendência ao branqueamento na classificação racial feita pelas professoras, e o grupo com maior proporção de escurecimento foi o dos estudantes considerados indisciplinados. Ademais, tenderam a classificar os estudantes mais pobres como negros e

a avaliá-los negativamente e de forma mais rigorosa nas atividades que compõem o processo avaliativo da instituição.

O estudo de Cruz (2014) focou nas expressões discriminatórias e nas concepções de pertencimento do sexo entre os estudantes. O trabalho foi desenvolvido com 112 crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que preencheram um questionário sobre discriminação, e um formulário de autoatribuição da cor. Posteriormente, do total de participantes, foram entrevistadas 55 crianças, para confrontar as respostas apresentadas nos questionários. Os resultados salientam que as atitudes discriminatórias em relação à raça e ao gênero estão presentes no cotidiano escolar, em que a cor e o cabelo assinalam fortemente os traços de feminilidade desejados pela sociedade (mulher branca e de cabelo liso). Diante do contexto estudado, a raça mostrou-se um forte marcador social para meninos e meninas.

## DISCUSSÃO

A partir da literatura abordada, buscou-se responder os questionamentos que instigaram o presente estudo e que possibilitaram apreender, de forma mais ampla, a presença do racismo na escolarização dos estudantes negros. Procuramos responder aos seguintes questionamentos: Quais as formas de expressão do racismo são mais evidentes no espaço escolar? E quais as consequências na trajetória escolar de estudantes negros brasileiros?

Em primeiro lugar, os artigos encontrados referem-se às práticas exercidas por atores que compõe o universo escolar e que demonstram desqualificação, desvalorização e exclusão do negro em termos de atributos individuais, sociais e culturais, configurando as formas flagrantes e sutis de expressão do racismo. Há, também, o racismo institucional, presente nos documentos e livros, que orientam as práticas educativas, e nas políticas afirmativas; o racismo cultural, envolvendo a desqualificação religiosa; e o racismo individual, a partir da depreciação das características físicas dos sujeitos.

Percebe-se que, na sociedade, ocorre a imposição de uma crença religiosa, que apaga e silencia a diversidade cultural presente em outras religiões, aspecto que contribui para a internalização de uma imagem negativa, principalmente daqueles que são adeptos a religiões de matriz africana (SILVA, 2005). Ideias preconceituosas, desprovidas de contextualização histórica, enfraquecem as religiões afro-brasileiras, estigmatizam pessoas e grupos sociais, expondo os seguidores a várias formas de violências, como perseguições, xingamentos e ataques aos terreiros, entre outros (SANTOS, 2012).

A depreciação da imagem do negro, percebida em livros e documentos (OLIVEIRA; MIRANDA, 2004; ROZA, 2017; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013) e nas relações dentro da escola (CARVALHO, 2005; CRUZ, 2014; OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010; SANTIAGO, 2015) está irrigada por estereótipos inferiorizantes e excludentes, que contribuem para a internalização de uma imagem negativa de si próprio, ao ponto que exalta e valoriza a imagem positiva do outro (SILVA, 2005). Apesar dos inúmeros exemplos negativos, os achados expõem mudanças positivas na representação social do negro, seja no texto, nas imagens ou nas relações dentro da escola (CARVALHO, 2005; MAGGIE, 2006).

Dessa forma, Silva Jr. (2002) afirma que a negação da imagem do negro, atrelada à visão estereotipada fortemente difundida na sociedade, torna-se um dos instrumentos mais eficazes e violentos que favorecem a exclusão da criança negra. A negação do corpo negro fica evidente pela distribuição desigual de cuidados destinados aos estudantes negros por parte dos docentes (CAVALLEIRO, 2005b), das formas diferenciadas de avaliação (CAVALLEIRO, 2005b; FRANÇA, 2017) e da ausência de personagens negros nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (SILVA, 2005).

A cor negra que, por muitas vezes, recebe conotação associada à sujeira e à maldade (ROSEMBERG, 1985), e o cabelo crespo, que é tido como ruim (SILVA, 2005; GOMES, 2002), reforçam a internalização da representação negativa e leva a criança a não gostar de si e a rejeitar o grupo do qual faz parte (SILVA, 2005; GOMES, 2002). Tais características são percebidas dessa forma, pois estão distantes do padrão de beleza adotado pela sociedade, visto que o grupo branco é tomado como referência de humanidade a ser seguido (BENTO, 2002).

Diante disso, entende-se que a identificação negativa do grupo fará o sujeito buscar estratégias de mudança ou mobilidade social. A solução para tal problema pode ser a desidentificação ou o distanciamento do próprio grupo, seja psicologicamente ou por meio do rompimento de sua pertença. Ao perceber a impossibilidade de romper com o grupo menos valorizado, ou quando não deseja abandoná-lo, o sujeito pode valorizar os aspectos positivos percebidos em sua categoria de pertença, por meio de movimentos sociais (TAJFEL, 1978).

A negação do corpo negro não ocorre somente nos espaços que há tempos vem sendo ocupados pela população negra. Com a expansão das cotas raciais, houve o aumento de discursos flagrantes de estranhamento da presença dos estudantes negros em locais que antes eram ocupados por estudantes brancos. Essa inquietação propaga falas que fortalecem discursos racistas, que inferiorizam os estudantes negros, desqualificando a forma de se vestir e se expressar, tornando-os estranhos e alheios ao processo de aprendizagem (PAULA; ALMEIDA; GIORGI, 2018).

Os achados apresentados por Paula, Almeida e Giorgi (2018) corroboram com os resultados obtidos por Lima e Vala (2004b) em uma pesquisa realizada com acadêmicos brancos, para analisar o papel da infra-humanização em relação ao grupo minoritário. O estudo declarou que a infra-humanização resulta de um processo que atribui mais valores naturais ao “exogrupo” e mais valores culturais ao “endogrupo”. Nessa perspectiva, Struch e Schwartz (1989) afirmam que a infra-humanização é mais evidente quando os valores adotados pelo “exogrupo” são percebidos com maior frequência pelo “endogrupo”.

Por outro lado, o estudo de São Paulo (2010), que discutiu a ampliação de vagas para estudantes negros na UnB, **não apresentou posições explícitas contrárias às cotas raciais, dados ratificados em outros estudos (VELLOSO; CARDOSO, 2011; CAMINO, 2014)**. Percebe-se, nos discursos, a presença do racismo sutil, identificado quando os participantes demonstraram estranhamento ou rejeição a alguns questionamentos ou ao colocar empecilhos na efetivação da proposta. Conforme Nunes (2014), a sutileza do racismo pode ser percebida em apontar o outro como racista. É algo à parte, distante daquele que fala. A manifestação sutil do preconceito racial, nos estudos citados, pode

estar relacionada à introjeção de normais sociais (FRANÇA; MONTEIRO, 2004) e à internalização de normas sociais e valores sociais igualitários (PEREIRA; VALA, 2007).

Além de todos os aspectos que foram citados, pode-se constatar que as falhas nas informações produzidas pelos órgãos competentes para a promoção da Educação Escolar Quilombola ratificam a negligência na promoção e no fortalecimento de políticas públicas que favorecem a diversidade no acesso à escolarização e a redução do racismo (SANTOS *et al.*, 2019). Os mecanismos que dificultam ou impedem a efetivação dessas ações podem ser caracterizados como uma manifestação do racismo institucional, e ocorrem por meio de restrições ou imposições de dificuldades na concretização de ações que acreditam ser privilégios para a população negra (CAVALLEIRO; HENRIQUES, 2005).

Diante da complexidade que envolve o racismo na escolarização, a participação da família no processo educativo foi fundamental para que os jovens pudessem trilhar uma trajetória escolar de sucesso (MARTINS; GERALDO, 2013). A transmissão dos saberes referentes à cultura e à história pelos pais é denominada de socialização étnico-racial (HUGHES *et al.*, 2006). Inicialmente, a família é o principal agente socializador das crianças e, com o passar do tempo, esse papel é direcionado para a escola (ALDANA; BYRD, 2015). Carvalho (2004), todavia, aponta o dilema presente na sociedade na relação família-escola: quando a instituição não cumpre o papel esperado no processo de ensino-aprendizagem, tende a culpabilizar as famílias pelo fracasso escolar dos filhos. Espera-se o engajamento nas atividades escolares, mas ignora-se as particularidades que as famílias pobres brasileiras apresentam.

Em segundo lugar, os estudos expõem as consequências do racismo na trajetória escolar de estudantes negros brasileiros. É possível encontrar uma proximidade em relação à cor negra e ao fracasso no processo educativo. Os educandos negros são aqueles que apresentam mais problemas disciplinares (CARVALHO, 2005), os maiores índices de evasão e reprovação (JESUS, 2018; MAGGIE, 2006), enfrentam mais barreiras e estão em menor número nas instituições de Ensino Superior (SÃO PAULO, 2010). Conforme identificaram Lima e Vala (2004b), a ideologia do branqueamento ainda persiste no imaginário da população brasileira, ratificada pela atribuição de traços culturais e positivos aos negros bem-sucedidos quando são branqueados. Quanto mais sucesso obter, mais atributos culturais são atribuídos à pessoa negra.

Além de afetar o processo de escolarização, o racismo implica na construção negativa da identidade étnico-racial da criança negra. Tal fato é ratificado pela desvalorização e pela perseguição às religiões afro-brasileiras, além da negação no currículo escolar (RUSSO; ALMEIDA, 2016). As religiões de matriz africana são demonizadas e degradadas, não têm poder para fazer parte dos currículos das escolas, sendo sucumbidas por religiões de base cristã (SILVA, 2005).

Também está relacionado ao tratamento desigual, direcionado às crianças na Educação Infantil, e ao sofrimento<sup>3</sup> a que estão expostas, ao não se perceberem

<sup>3</sup> Entende-se por sofrimento a “dor causada por doença ou ferimento; grande aflição do espírito; tormento, tortura” (MICHAELIS, 2021). Assim, estudos mostram que o “racismo proporciona sofrimento psíquico na pessoa, gerando no sujeito um sentimento de inferioridade, frustração e de rejeição, fazendo-o negar as suas tradições, desvalorizando a sua identidade e costumes de origem” (COSTA; OLIVEIRA, 2019, p. 126).

como pertencentes ao grupo que recebe destaques positivos (CASTELAR *et al.*, 2015; OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010; SANTIAGO, 2015). A ideologia do branqueamento<sup>4</sup> não permite que a escola ressalte a diversidade nas atividades, murais, cartazes, contos, histórias, músicas e tantas outras formas de saberes. Os sujeitos ficam impelidos a vivenciar os aspectos negativos da história, sem ter o acesso adequado aos conhecimentos necessários que podem lhes possibilitar o fortalecimento da autoestima e, conseqüentemente, atenuar a ocorrência do racismo nos bancos escolares (SANTOS, 2012). Mesmo diante de tantas evidências, o racismo não é percebido, pela maioria das pessoas, como um dos fatores que contribuem diretamente para as disparidades no processo educativo entre discentes negros e brancos (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar, por meio de uma revisão integrativa de literatura, as formas de racismo mais evidentes no espaço escolar, bem como as conseqüências desse fenômeno na trajetória escolar de estudantes negros brasileiros. Os achados apontam a presença do racismo em documentos que normatizam o sistema educativo, em livros didáticos e nas relações que permeiam as escolas. Além disso, o racismo foi percebido em políticas públicas que foram desenvolvidas para combatê-lo, como as mudanças promovidas em documentos e em livros didáticos que, mesmo após reformulados, ainda apresentam a imagem do negro de forma estereotipada.

As formas mais flagrantes da ocorrência do racismo estão presentes nas relações entre os agentes que ocupam as instituições escolares, incidindo desde a Educação Infantil ao Ensino Superior. Manifestam-se mediante a atenção reduzida às crianças negras; os rótulos que caracterizam os discentes negros como indisciplinados; o direcionamento do fracasso escolar para a família; o embranqueamento, por parte dos professores e dos estudantes negros que apresentam melhor desempenho; o estranhamento em encontrar alunos negros ocupando lugares que antes existiam apenas estudantes brancos; o silêncio e a omissão diante das atitudes racistas direcionadas aos discentes negros.

As conseqüências desse fenômeno tornam-se marcas profundas na escolarização e na identidade dos estudantes negros, que sofrem por terem a pele negra, o cabelo crespo e pela pertença a um grupo historicamente explorado, esquecido e desvalorizado. São fatores que acabam ocasionando os maiores índices de evasão, reprovação e fracasso escolar, que refletem na presença reduzida de estudantes negros no Ensino Superior. Destaca-se, ainda, a inércia das políticas públicas em melhorar a qualidade das escolas públicas por meio do ensino e da estrutura física das instituições.

A pesquisa indicou que grande parte dos trabalhos está concentrada na Região Sudeste, e que não foram encontrados estudos realizados no Estado de Sergipe, fato

<sup>4</sup> “No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais”. A ideologia do branqueamento “foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro” (BENTO, 2002, p. 25).

que pode estar associado às bases de dados escolhidas para esta pesquisa ou o uso de palavras-chave não indexadas pelos pesquisadores. Assim sendo, entende-se ser necessário realizar novas pesquisas que investiguem todas as regiões brasileiras, principalmente aquelas em que os estudos são escassos ou que não foram localizados por este trabalho, e em que há evidências de prejuízos no processo educativo de estudantes negros.

Assim, todas as reflexões apresentadas neste estudo devem contribuir para ampliar a percepção dos sujeitos em relação às formas pelas quais o racismo ocorre na escolarização, e possibilitar discussões de estratégias que colaborem para o combate ao racismo, minimizando os efeitos negativos desse fenômeno na trajetória escolar dos estudantes negros. Para tal fim, são necessárias políticas públicas, isentas de estereótipos e atitudes racistas, que promovam mudanças na sociedade. Acredita-se que a formação docente voltada para a diversidade e alterações efetivas no currículo escolar podem colaborar de forma significativa para a valorização da população negra.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. Percepções sobre raça e racismo. In: ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. *Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade*. Brasília: Unesco, Inep, 2006. p. 149-179.
- ALDANA, A.; BYRD, C. School ethnic-racial socialization: learning about race and ethnicity among African American students. *The Urban Review*, [s. l.], v. 47, p. 563-576, aug. 2015. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2015-37839-001>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25-58.
- CAMINO, L. et al. Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. spe, p. 117-128, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822014000500013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000500013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- CARVALHO, M. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 77-95, abr. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- CARVALHO, M. E. P. de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 41-58, abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742004000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 jul. 2019.
- CASTELAR, M. et al. Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 595-602, dez. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572015000300595&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300595&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- CAVALLEIRO, E. Introdução. In: SECAD. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC-SECAD, 2005a. p. 11-18.
- CAVALLEIRO, E. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: SECAD. *Educação antirracista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03*. Brasília, DF: MEC-SECAD, 2005b. p. 65-104.
- CAVALLEIRO, E.; HENRIQUES, R. Educação e políticas públicas afirmativas: elementos da agenda do Ministério da Educação. In: SANTOS, S. A. (org.). *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. Brasília: MEC, UNESCO, 2005. v. 5. p. 209-224.

- CHAGAS, L. C.; FRANÇA, D. X. Racismo, preconceito e trajetória escolar de crianças negras e brancas: a realidade de Sergipe. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2010, São Cristóvão. *Anais [...]*. São Cristóvão, SE: UFS, 2010. Disponível em: [http://educonse.com.br/2010/eixo\\_11/e11-36.pdf](http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-36.pdf). Acesso em: 18 set. 2018.
- COSTA, E. F.; OLIVEIRA, P. A. O sofrimento psíquico causado pelo racismo e o seu impacto na subjetividade. *Revista Uningá*, [s.l.], v. 56, n. 1, p. 114-130, 2019. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/444>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- CRUZ, T. M. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 157-188, mar. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982014000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- FRANÇA, D. X. Discriminação de crianças negras na escola. *Revista Interações*, [s. l.], v. 13, n. 45, p. 151-171, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9476>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- FRANÇA, D. X.; MONTEIRO, M. B. A expressão das formas indiretas de racismo na infância. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 22, n. 4, out. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312004000400006](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312004000400006). Acesso em: 23 out. 2018.
- GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, RJ, n. 21, p. 40-51, jan./dez. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 dez. 2018.
- GUIMARÃES, A. C.; PINTO, J. M. R. Discriminação racial na escola: vivências de jovens negros. *Revista Digital de Direito Administrativo*, Ribeirão Preto, SP, v. 3, n. 3, p. 512-524, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdda/article/view/115745/116690>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- HUGHES, D. et al. Parents' ethnic-racial socialization practices: A review of research and directions for future study. *Developmental Psychology*, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 747-770, 2006. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2006-11399-001>. Acesso em: 3 ago. 2019.
- IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. In: IBGE. *Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica*, n. 41. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 27 dez. 2019.
- INEP. *Indicadores educacionais*, 2018. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- JESUS, R. E. de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. *Educação em revista*, Belo Horizonte, v. 34, jan. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982018000100102&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100102&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 24 abr. 2019.
- LIMA, I. C.; ROMÃO, J.; SILVEIRA, S. M. (org.). *Educação Popular Afro-Brasileira*. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros, 1999. p. 116.
- LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, Natal, RN, v. 9, n. 3, p. 401-411, dez. 2004a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- LIMA, M. E. O.; VALA, J. Sucesso social, branqueamento e racismo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 11-19, jan./abr. 2004b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n1/a03v20n1.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- LIMA, M. G. *O preconceito racial e a trajetória de escolarização na perspectiva de adolescentes e jovens negros*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, Uniceub, Brasília, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/81418750-O-preconceito-racial-e-a-trajetoria-de-escolarizacao-na-perspectiva-de-adolescentes-e-jovens-negros-marcos-gonzaga-de-lima.html>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- MACEDO, J. C. C.; PIRES, E. D. P. B.; PEREIRA, R. S. Relações étnico-raciais no cotidiano escolar: o que dizem os estudantes e professores do ensino fundamental. In: SEMINÁRIO NACIONAL, 6.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL, 2., 2017, Vitória da Conquista, BA, 2017. *Anais [...]*. Vitória da Conquista, BA: SEMINÁRIO GEPRÁXIS, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017, v. 6, n. 6, p. 1.881-1.897. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/7332/7109>. Acesso em: 20 jul. 2019.



- MAGGIE, Y. Racismo e anti-racismo: preconceito, discriminação e os jovens estudantes nas escolas cariocas. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 27, n. 96, p. 739-751, out. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302006000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000300006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- MARTINS, E.; GERALDO, A. G. A influência da família no processo de escolarização e superação do preconceito racial: um estudo com universitários negros. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, SP, v. 13, n. 26, p. 55-73, abr. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2013000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 abr. 2019.
- MICHAELIS. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos Ltda., 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/XpEOW/sofrimento/>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004. Cadernos PENESB.
- NUNES, S. S. Racismo contra negros: sutileza e persistência. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, SP, v. 14, n. 29, p. 101-121, abr. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- OLIVEIRA, F.; ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e “paparicação”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, ago. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982010000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- OLIVEIRA, O. V.; MIRANDA, C. Multiculturalismo crítico, relações raciais e política curricular: a questão do hibridismo na Escola Sarã. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 67-81, abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- PAULA, B. A. O.; ALMEIDA, F. S.; GIORGI, M. C. “Eu e meus alunos-cotistas na escola pública”: racismo, ethos discursivo, discurso midiático e produção de subjetividade. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 53, n. 3, p. 393-402, jul. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-77262018000300393&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-77262018000300393&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- PEREIRA, C.; VALA, J. Preconceito, normas sociais e justificações para a discriminação das pessoas negras. In: MONTEIRO, M. B. (org.). *Percursos da investigação em psicologia social e organizacional*. Lisboa, Portugal: Edições Colibri, 2007. p. 145-164.
- PETTIGREW, T. F.; MEERTENS, R. W. Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, [s. l.], v. 25, p. 57-75, 1995. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1995-28884-001>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- REITER, B. Education reform, race, and politics in Bahia, Brazil. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 125-148, mar. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362008000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global Editora, 1985.
- ROZA, L. M. Abordagens do racismo em livros didáticos de história (2008-2011). *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 13-34, mar. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362017000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000100013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- RUSSO, K.; ALMEIDA, A. Yalorixás e educação: explicando o ensino religioso nas escolas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 160, p. 466-483, jun. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742016000200466&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000200466&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- SANTIAGO, F. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 129-153, jun. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982015000200129&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000200129&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- SANTOS, E. S. et al. Oferta de escolas do Centro de Educação Escolar Quilombola no Nordeste/BR. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, fev. 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362019000100612&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000100612&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.
- SANTOS, S. S. Afinal, o que são religiões afro-brasileiras?. In: FELINTO, R. *Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 11-21.

SÃO PAULO, E. Estudos preliminares sobre ação afirmativa em uma universidade brasileira. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 27-45, jun. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-69712010000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712010000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.

SCHUCMAN, L. V. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-94, abr. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822014000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 9 jan. 2020.

SILVA, A. C. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, K. (org.). *Superando o racismo na escola*. 2 ed. rev. Brasília: MEC/Secadi, 2005. p. 21-38.

SILVA JR., H. *Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129721>. Acesso em: 10 maio 2018.

SILVA, P. V. B.; TEIXEIRA, R.; PACIFICO, T. M. Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 127-143, mar. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 ago. 2019.

STRUCH, N.; SCHWARTZ, S. H. Intergroup aggression: predictors and distinctiveness from ingroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, [s. l.], v. 56, n. 3, p. 364-373, 1989. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2926634>. Acesso em: 19 ago. 2019.

TAJFEL, H. The psychological structure of intergroup relations. In: TAJFEL, H. (org.). *Differentiations between social group*. Londres: Academic Press, 1978. p. 27-98.

UNICEF. *Cenário da exclusão escolar no Brasil 2014*. Brasília, DF: UNICEF Brasil, 2014. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/481/file/Cenario\\_da\\_exclusao\\_escolar\\_no\\_Brasil.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/481/file/Cenario_da_exclusao_escolar_no_Brasil.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019.

VELLOSO, J.; CARDOSO, C. B. Um quinquênio de cotas: as chances de ingresso de negros na Universidade de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 92, n. 231, p. 221-245, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/527>. Acesso em: 10 ago. 2019.

WIEVIORKA, M. *Em que mundo vivemos?*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação está  
sob Licença Creative Commons CC – By 4.0